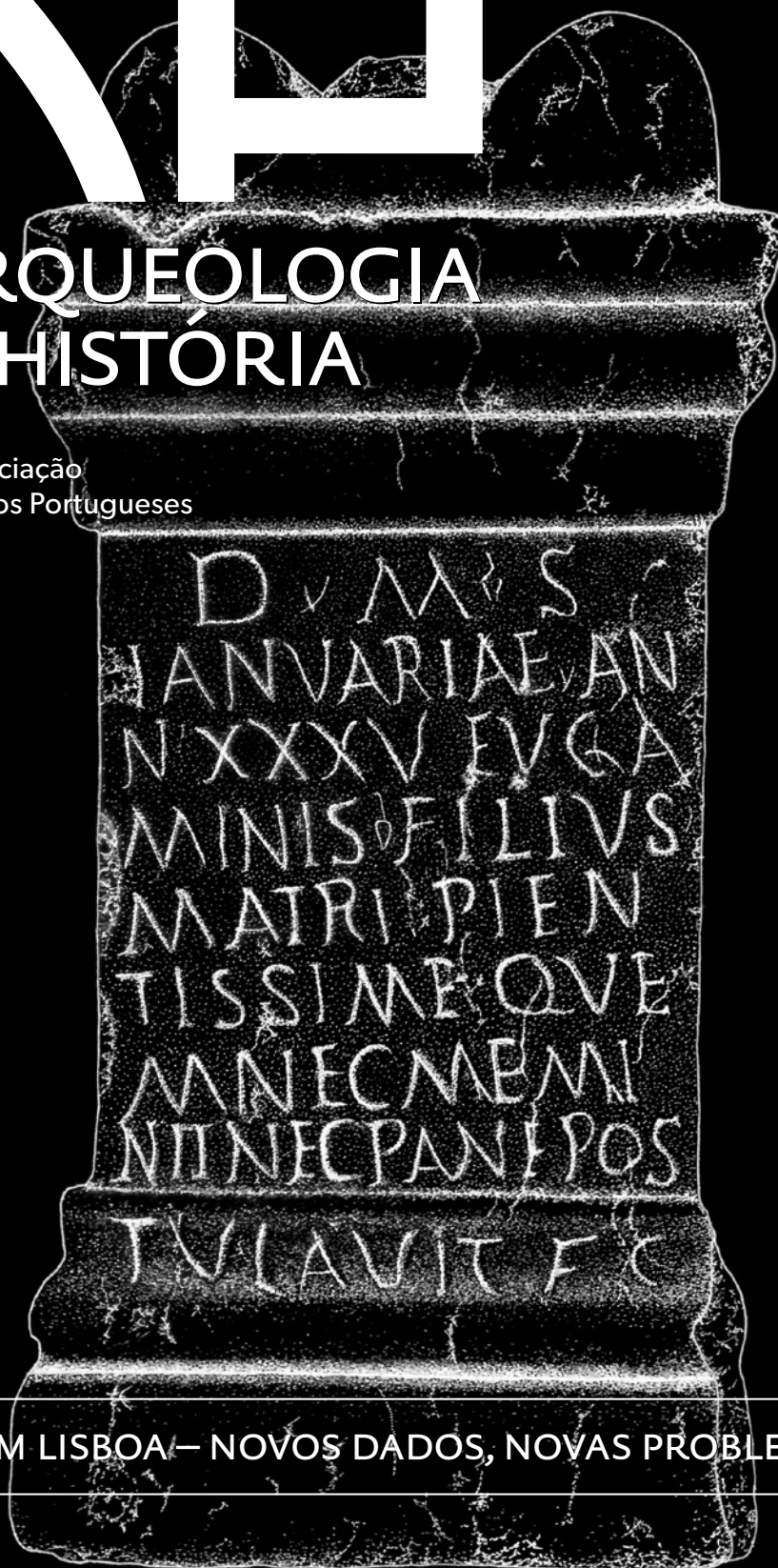


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

‘ET SEPULTUS EST’

A MULTIPLICIDADE DA MORTE NA NECRÓPOLE NOROESTE DE OLISIPO

Sílvia Casimiro¹, Rodrigo Banha da Silva², Francisca Alves Cardoso³

¹ LABOH – Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana; CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; IEM – Instituto de Estudos Medievais; FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa / scasimiro@fcsh.unl.pt

² CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa; CHAM – Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar; FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa / rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

³ LABOH – Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana; CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa / francicard@fcsh.unl.pt

Resumo

Entre 1999 e 2001, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira (Lisboa) obrigou a uma intervenção arqueológica que acabou por revelar um amplo horizonte cronocultural expondo, entre outros, uma necrópole romana – Necrópole Noroeste de Olisipo. Dezasseis anos depois, após a escavação de algumas inumações em laboratório, no âmbito de um estudo interdisciplinar, são analisados os conteúdos gráficos e fotográficos, as estruturas funerárias e o espólio arqueológico e osteológico humano. Reúnem-se agora os primeiros dados que permitem interpretar as transformações deste contexto enquanto espaço funerário, reconstruir práticas mortuárias e rituais funerários e, ainda, estabelecer o perfil biológico dos indivíduos.

Palavras-chave: Necrópole romana, Rituais funerários, Práticas mortuárias, Espaços funerários, Arqueologia urbana, Paleodemografia.

Abstract

Between 1999 and 2001, the construction of an underground car park in Praça da Figueira (Lisbon) led to an archaeological intervention which revealed a wide cronocultural horizon exposing, among other contexts, a roman necropolis – Olisipo Northwest Necropolis. Sixteen years later, after the excavation in laboratory of some of the burials and under a interdisciplinary study, the graphic and photographic data, as well as the graves, the grave goods and the human remains are analysed. New data are now being gathered which allow us to interpret the transformations of this context as a burial ground as well as to reconstruct the mortuary practices and the funerary rituals and also, to assess the biological profile of the individuals.

Keywords: Roman necropolis, Funerary rituals, Mortuary practices, Burial grounds, Urban archaeology, Paleodemography.

1. INTRODUÇÃO

Entre 1999 e 2001, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira, em Lisboa, obrigou a uma intervenção por parte do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade. Os trabalhos arqueológicos revelaram um horizonte cronocultural muito amplo, compreendido entre a Pré-História Recente e a contemporaneidade, revelando entre outros contextos, as ruínas do Hospital Real de Todos os Santos – instituição de referência entre os séculos XV e XVIII e uma necrópole romana, com uma cronologia compreendida entre meados do século I d. C. e início do século V d. C. (Silva, 2005). Após uma análise preliminar centrada na dinâmica estratigráfica e nos materiais e estruturas identificados, com vista a promover a leitura e a compreensão do espaço durante o período de “ocupação” romana, foi definido um conjunto de cinco momentos, denominados por “fases” e enumerados cronologicamente a partir da mais ancestral (Casimiro, Prata & Silva, 2017; Silva & Casimiro, 2013; Silva, 2005). As fases I e II correspondem a evidências de Época Romana, tanto anteriores, como posteriores à instalação do urbanismo alto imperial e, por isso, prévias à utilização daquela área com fins funerários. As fases III e IV (Figura 1), correspondem já à ocupação do espaço como necrópole. Nestas duas fases, foram identificados os dois rituais funerários mais comuns à época: a inumação e a cremação. A este propósito, esclarece-se que os autores optaram por utilizar ao lon-

go deste trabalho o termo “cremação” contrariamente ao termo “incineração” porque, apesar de ambos poderem ser entendidos como equivalentes, refletem acções distintas. Enquanto o acto de cremar respeita à acção de consumir pelo fogo um cadáver ou esqueleto, independentemente dos resultados obtidos, incinerar refere uma redução total a cinzas dos elementos queimados, implicando uma acção mais extrema do fogo no cadáver ou esqueleto (Silva, 2007; Etxeberria & Castro, 2002; Botella; Alemán & Jiménez, 2000) e ao recurso a outros métodos que possam auxiliar essa redução total. Justifica-se assim a opção da utilização do termo “cremação” para referir estas acções que se inserem em contexto romano.

Pretende-se aqui, sobretudo, apresentar os primeiros dados que poderão permitir uma leitura e posterior interpretação das transformações deste contexto enquanto espaço funerário com vista, à reconstrução das práticas mortuárias e dos rituais funerários, como também à contribuição para o conhecimento dos aspectos sociais da sociedade à época.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Com base nos registos fotográficos e estratigráficos, procedeu-se à análise do espaço funerário, atendendo a parâmetros da Arqueologia e Antropologia Funerária, nomeadamente, a organização do espaço, a tipologia e forma da sepultura, o tipo de inumação, o modo de deposição, a orientação e o espólio funerá-

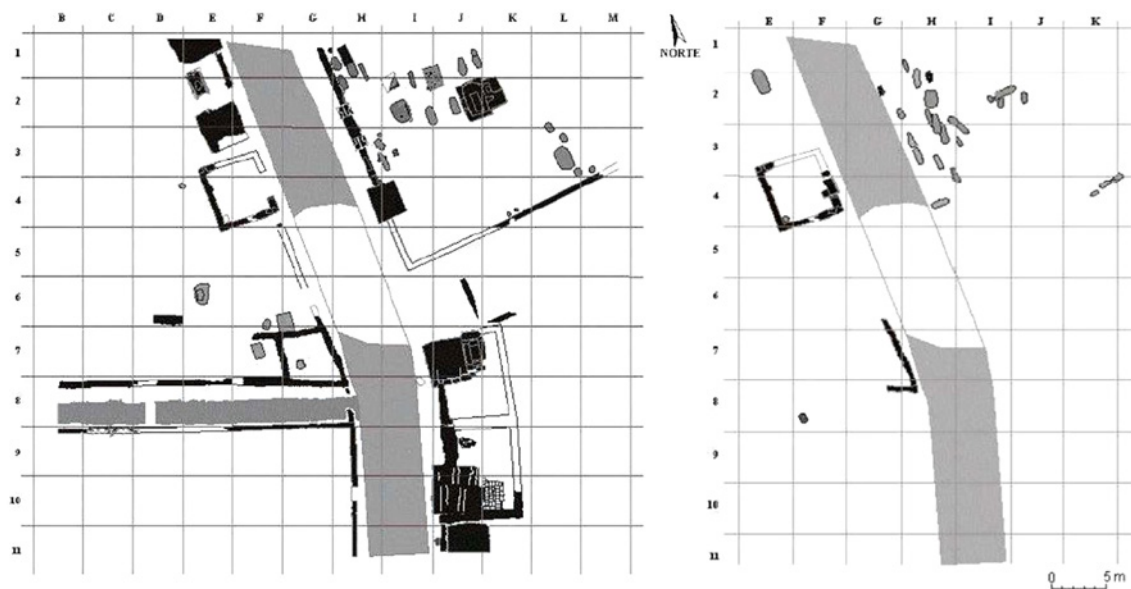


Figura 1 – Plano geral das fases de ocupação correspondentes à Necrópole Noroeste de Olisipo: fase III e fase IV.

rio associado. O perfil cronológico das sepulturas foi aferido a partir da articulação da leitura estratigráfica com propostas de datação cedidas por alguns elementos que integram o espólio funerário.

Relativamente ao perfil biológico dos indivíduos, nesta fase, foi traçado unicamente com vista a estimar o sexo e a idade à morte. Em relação aos indivíduos adultos, a estimativa da idade à morte considerou a maturação biológica do esqueleto, atendendo ao grau de encerramento das epífises tardias (Buikstra & Ubelaker, 1994; White & Folkens, 2005), e as alterações da superfície auricular (Lovejoy *et alii*, 1985) e da sínfise púbica (Brooks & Suchey, 1990). Os indivíduos adultos são, genericamente, designados como “adultos” – não lhes será atribuída uma idade cronológica ou intervalo etário, nem serão classificados de adultos jovens, maduros ou idosos. A morfologia do osso coxal e do crânio foram os indicadores considerados para a estimativa do sexo (Buikstra & Ubelaker, 1994; Bruzek, 2002; White & Folkens, 2005). No que concerne aos indivíduos não adultos, para estimar a idade biológica foram considerados os métodos morfológicos – nomeadamente a observação do desenvolvimento ósseo e dentário – e métricos, descritos em Schaefer, Sheuer e Black (2009). Não foi desenvolvida qualquer análise relacionada com a diagnose sexual em não adultos, atendendo a que a estimativa do sexo em indivíduos cujo dimorfismo sexual é incipiente, está sujeita a consideráveis erros interpretativos (Cardoso & Saunders, 2008; Galdames, Matamala & Smith, 2009). Até ao momento, não foi desenvolvida qualquer análise com vista à identificação de eventuais alterações ósseas de natureza patológica e/ou tafonómica, apesar de ter sido possível observar algumas destas alterações, durante a escavação e/ou limpeza do material ósseo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 83 sepulturas: 23 de cremação e 60 de inumação. No âmbito do estudo agora desenvolvido foram analisadas 60 sepulturas de inumação e 2 de cremação, contudo, previamente, já haviam sido intervencionadas 2 sepulturas de cremação (Gonçalves, 2007). Importa contudo sublinhar que, por vários motivos, como a emergência e a própria logística dos trabalhos em campo, procedeu-se à exumação em bloco de algumas sepulturas, tanto de inumação como de cremação. Esta observação prende-se com o facto de o número de indivíduos que aqui é apresentado não ser definitivo, uma vez que ainda decorrem trabalhos de escavação em laboratório.

4. O ESPAÇO E AS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS

A Necrópole Noroeste de Olisipo, tal como outras necrópoles dos centros urbanos do Império Romano, localizava-se fora dos muros da cidade, concentrando-se em torno de uma grande via romana que, à época, atravessava o espaço hoje ocupado pela Praça da Figueira e que, vinda de *Emerita Augusta* conduzia a *Scallabis*, e daí a *Bracara Augusta*. No quadro das cinco fases definidas para designar os vários momentos de ocupação romana no sítio, é na fase III que surgem os vestígios que testemunham o início da utilização do espaço com fins funerários. Nesta fase, compreendida entre meados do século I e finais do século III, regista-se o maior momento de actividade da necrópole, podendo esta ser descrita como um espaço “monumentalizado”. Na fase IV, que se inicia nos finais do século III e termina, sensivelmente, no início do século V, revela-se, claramente, um momento de declínio da necrópole, sendo que o espaço intervencionado, assume a aparência de uma paisagem arruinada, resultado de uma acção de roubo de pedra que terá transformado drasticamente a paisagem. Ainda assim, a área envolvente à grande via romana continua a ser a eleita como área de sepultamento, sendo predominantes as inumações, praticadas no interior de ataúdes em madeira ou em fossas simples abertas no solo, o que contrasta com o registado na fase anterior (Casimiro, Prata & Silva, 2017; Silva, 2005).

Sobre as sepulturas de cremação estão ainda por intervencionar 19 das 23 sepulturas identificadas. Foram registadas, pelo menos, 4 sepulturas do tipo *bustum* – local de cremação e simultaneamente de sepultura, ou seja: um depósito primário (Silva, 2007; Tranoy, 2000) – e 3 *ustrinum* – local específico para a cremação, sendo que os restos resultantes dessa acção eram removidos e depositados noutra local, ou seja: um depósito secundário (Silva, 2007; Tranoy, 2000).

As sepulturas de cremação já intervencionadas foram estudadas no âmbito de dissertações de mestrado. Duas, integraram um conjunto estudado no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Evolução Humana, apresentada à Universidade de Coimbra, consistindo em dois depósitos secundários individuais, um em cista e o outro em urna (pote), onde foram identificados dois indivíduos adultos, um do sexo masculino e, o outro do sexo feminino, respectivamente (Gonçalves, 2007). As outras duas foram objecto de uma dissertação de Mestrado em Antropologia e Arqueologia Forense, apresentada à Cranfield University – Cranfield Defence and Security (Reino Unido) e enquadrada nos

trabalhos que se encontram a decorrer no LABOH (Morrone, 2017). Ambas referem dois depósitos individuais primários do tipo *bustum*, praticados durante a fase III, onde foram identificados dois indivíduos adultos, um do sexo feminino e o outro de sexo indeterminado. Tratam-se de duas sepulturas do tipo *cupa*, entre três identificadas nesta necrópole, sendo que a maior (Figura 2), com 2,40 m de comprimento por 1,20 m de largura, e 1,30 m de altura, foi alvo de violação, ainda na antiguidade. Posteriormente, foi coberta por uma sepultura de inumação que se destaca por ser a que oferece indicadores cronológicos mais úteis inserindo-a, de forma clara, já na fase IV (Casimiro *et alii*, 2017; Morrone, 2017; Campos, 2012; Silva, 2012, 2005). Estes monumentos, para além de divergirem bastante das *cupae* identificadas um pouco por toda a Península Ibérica, divergem também entre si. Por exemplo, de entre as três, apenas em duas se registou a presença de *infundibulum*. Outro exemplo resulta na diferença mais marcante entre elas: a *cupa* que, infelizmente, foi mais afectada apresentava revestimento de *opus signinum*. A ausência deste revestimento nas outras *cupae*, acrescida de alguns dados fornecidos pela estratigrafia, sugere que terão sido concebidas como túmulos destinados a ser soterrados, possivelmente com um marcador ao nível do solo, enquanto que a revestida, teria como finalidade permanecer exposta à superfície (Campos, 2012) e, certamente, destacar-se-ia na paisagem.

As sepulturas de inumação apresentam uma grande variabilidade. Contudo, na fase III as sepulturas, seja de cremação ou de inumação, apresentam-se de forma geral mais estruturadas e mais exuberantes, registando-se uma maior diversidade formal e construtiva. Com ou sem recurso a ataúde e, registando, ou não, espólio, as inumações foram praticadas em sepulturas construídas ou delimitadas por uma grande variedade de materiais – lateres, pedras e ímbrices (Figura 3) – e em alguns casos, com leito constituído por régulas (Figura 4). Na fase IV, com ou sem ataúde ou espólio funerário, as sepulturas são mais simples, normalmente consistindo em covachos e a sua visibilidade ao nível do solo seriadiscreta, assinalada com pedra de pequena dimensão, blocos isolados ou composições laterícias.

Todas as sepulturas intervencionadas referem inumações primárias individuais, excepto o caso de uma sepultura constituída por duas ímbrices fechadas em concha, que serviu de sepultamento a dois não adultos (Figura 5).



Figura 2 – Sepultura de cremação [3881] – Cupa (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).



Figura 3 – Sepultura de inumação [9261] – Esqueleto 56 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).

Importa referir que foram ainda identificados quatro enterramentos de não adultos numa última fase – fase V – apesar desta já se inserir no período compreendido entre meados do século V e, provavelmente, finais do século VII. Adicionalmente, no início desta fase, há claras evidências de que o espaço já não serve um fim funerário, ou seja, não corresponde a um momento de ocupação da necrópole romana. Esta realidade pode ser justificada pela progressiva cristianização da cidade e consequente emergir de novas ideologias e de novas formas de ritualizar a morte que, inevitavelmente, resulta numa considerável transformação da paisagem e numa distinta topografia urbana. O espaço caracteriza-se por apresentar uma baixa densidade ocupacional, podendo interpretar-se como uma retracção do espaço suburbano do noroeste da cidade (Casimiro, Prata e Silva, 2017; Silva, 2005). Neste sentido, a área da actual Praça da Figueira com-



Figura 4 – Sepultura de inumação [9251] – Esqueleto 57 Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).

preendia, à época, uma área periurbana com algumas características rurais (Casimiro, Prata e Silva, 2017; Silva e Casimiro, 2013).

5. O PERFIL BIOLÓGICO DOS INDIVÍDUOS

Nas 64 sepulturas intervencionadas, foram exumados 65 indivíduos, dos quais 37 foram classificados como adultos e 28 como não adultos. Dos 37 adultos, 15 foram atribuídos ao sexo masculino; 14 ao sexo feminino, sendo que não foi possível desenvolver a diagnose sexual em oito indivíduos. Neste sentido e, no que respeita ao perfil biológico destaca-se, desde logo, a heterogeneidade da amostra, principalmente em relação à diagnose sexual. Em termos de idade à morte, o número de adultos e de não adultos é também muito equilibrado. Os indivíduos classificados como não adultos foram distribuídos por cinco categorias etárias: a) com menos de 1 ano de vida: 11 in-



Figura 5 – Sepultura de inumação dupla [9113] – Esqueletos 31a e 31b, não adultos (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).

divíduos; b) entre 1 e 3 anos: 8; c) entre os 3 e os 6 anos: 4; d) entre os 6 e os 12 anos: 2, e e) entre os 12 e os 18 anos: 7 indivíduos. Os resultados não surpreendem, nomeadamente no que se refere às categorias com maior número de indivíduos – a) menos de 1 ano e, b) entre 1 e 3 anos – uma vez que, grande parte das crianças que sobreviviam ao nascimento morria com menos de um ano de vida, altura em que eram mais vulneráveis. Após o primeiro ano de vida, as hipóteses de sobrevivência aumentavam substancialmente, mas ainda assim muitos pereciam nos anos seguintes, entre o primeiro e o terceiro ano de vida, momento em que deixavam de ser amamentados. A introdução ou o reforço de leites de proveniência animal e alguns dos alimentos sólidos que incluíam a dieta familiar, podiam resultar em reacções no sistema imunitário muitas vezes fatais, especialmente nos indivíduos mais débeis (Casimiro, Prata e Silva, 2017; Kamp, 2001; Herring, Saunders e Katzenberg, 1998).

6. IDADE BIOLÓGICA E IDADE SOCIAL

Perante o equilíbrio entre adultos e não adultos, nesta amostra, torna-se pertinente explorar duas questões que se interrelacionam, e que estão intrinsecamente associadas ao grupo etário dos não adultos, em particular quando tratamos contextos arqueológicos e sociedades do passado. A primeira questão refere a própria condição da “criança” nos diferentes contextos cronoculturais. Do ponto de vista da Arqueologia, a “criança” é frequentemente associada a questões e linhas temáticas relacionadas com a esfera privada das sociedades – por exemplo, estudos que incidem na família ou no papel das mulheres – no entanto, esta é também parte integrante da esfera pública, uma vez que desempenha um papel social e económico activo, no funcionamento, na organização e na própria estrutura da sociedade (Gowland, 2001; Sofaer Devereński, 1994). O peso desse papel, para além de variar no tempo e no espaço e de depender do contexto sociocultural, está sujeito às necessidades de cada comunidade (Chapa, 2008; Charlier, 2008) – referimo-nos a actividades e necessidades, tão variadas como o cuidar de animais, a agricultura, a olaria e outras actividades artesanais, a recolha, o cuidar dos elementos mais novos, e até a guerra (Casimiro, Prata & Silva, 2017; Baxter, 2005; Bradley, 1993; Zoliver, 1985; White & Brinkerhoff, 1981). A forma como apreendemos o conceito de “criança” e o papel que esta desempenha na sociedade está intrinsecamente associada à nossa cultura e, apesar dos sérios riscos que isso comporta, a verdade é que, tendencialmente, transportamos conceitos actuais, não só para o passado, como para outros espaços geográficos. Isto significa que o conceito de “criança” deve ser entendido como dinâmico e como um fenómeno sociocultural em mutação, que expressa os aspectos culturais das sociedades, mas em simultâneo, é também um produto resultante desses aspectos e, como tal, está sujeito à variabilidade cultural (Halcrow & Tayles, 2008). No seio da mesma tradição cultural poderíamos esperar encontrar alguma consistência no que concerne ao conceito de “criança”, no entanto deparamo-nos com a existência de diferenças consideráveis e, se assim é, então, entre culturas podemos deparar-nos com diferenças drásticas (Casimiro, Prata & Silva, 2017; Kamp, 2001).

A segunda questão, relacionada com este grupo etário, prende-se com a última categoria etária – entre os 12 e os 18 anos (Figura 6) – e gravita em torno da articulação entre “idade biológica” e “idade social” e a sua implicação no estudo das comunidades do

passado (Casimiro; Prata & Silva, 2017; Sofaer, 2011; Carroll, 2011). A “idade cronológica” é aferida através de registos escritos, compreendendo a data de nascimento e o momento de observação. Por sua vez, a “idade biológica” é aferida através da análise do desenvolvimento biológico e do processo de maturação dos elementos ósseos. Esta “idade biológica” é muitas vezes convertida em idade cronológica nos métodos de estimativa de idade à morte em material osteológico humano (Schaefer, Sheuer e Black 2009; White & Folkens, 2005; Buikstra & Ubelaker, 1994), no entanto não devem ser confundidas. A “idade biológica” reflecte um processo activo de desenvolvimento e de degenerescência do tecido ósseo influenciado por inúmeros factores intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos – por exemplo, factores ambientais de natureza sociocultural como a dieta, ou factores de natureza patológica capazes de interferir no desenvolvimento do tecido ósseo. Acresce o facto de os métodos utilizados



Figura 6 – Sepultura de inumação [9278] – Esqueleto 20, não adulto (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).

para estimar a idade à morte em material osteológico humano de proveniência arqueológica, serem desenvolvidos com recurso a colecções identificadas de sociedades pós-industriais – não descurando os próprios limites interpretativos destes métodos. No entanto, atendendo a este grupo de indivíduos com idade à morte estimada entre os 12 e os 18 anos, por isso biologicamente classificados como não adultos, é muito importante fazer referência ao conceito de “idade social”. Esta, para além de condicionada por parâmetros socioculturais, sofre variações geográficas e temporais significativas (Casimiro, Prata & Silva, 2017). Um dos problemas retumbantes relacionados com estas duas questões que se interrelacionam, sobre a “criança” em contextos arqueológicos é precisamente o uso generalizado de uma “idade biológica” para determinar categorias sociais (Sofaer, 2011; Lewis, 2011; Baxter, 2005; Gowland, 2001).

7. ENTERRAMENTOS ATÍPICOS

No decorrer deste estudo foram identificados, pelo menos, três casos ilustrativos de enterramentos atípicos, que se diferenciam dos restantes pela expressão dos vários elementos ósseos e a forma de deposição dos indivíduos. Em termos cronológicos estes casos inserem-se no período compreendido entre meados do século III e meados do século IV e, para a sua análise foram considerados os parâmetros relacionados com os aspectos rituais e/ou condicionantes socioculturais, a presença/ausência de alterações ósseas de natureza patológica e e/ou tafonómica (Casimiro *et alii*, 2017). Tratam-se de três indivíduos adultos do sexo feminino: o esqueleto 46 [UE8905] foi depositado, aparentemente sem qualquer cuidado, em decúbito supino, inclinado sobre o lado esquerdo, directamente numa fossa aberta no solo com orientação no sentido SE-NO. O seu esqueleto encontrava-se totalmente articulado, sugerindo que a decomposição do cadáver decorreu em espaço colmatado. A posição sugere, com as devidas ressalvas, que as mãos estariam manietadas e que o indivíduo estaria de joelhos tendo, eventualmente, tombado para trás (Casimiro *et alii*, 2017). Nos esqueletos 48 [UE8940] e 33 [UE9115], destaca-se a posição atípica dos membros inferiores: em ambos os casos, o membro inferior direito encontra-se estendido, enquanto o esquerdo se encontra fletido para o interior – pé esquerdo por baixo da tíbia direita – sugerindo uma flexão vertical do membro inferior esquerdo no momento da inumação que, por acção de processos tafonómicos,

nomeadamente a decomposição do cadáver, terá resultado no descaimento do membro inferior esquerdo para um plano horizontal (Casimiro *et alii*, 2017). A forma como os indivíduos, enquanto cadáveres, foram depositados nas sepulturas, parece relacionar-se com algum aspecto social e/ou cultural que, até ao momento, não nos foi possível determinar. Estes casos refletem o poder detido, por um lado pelo cadáver e por outro, pelos gestos funerários praticados pelos vivos – sejam eles de índole negativa ou positiva – para a interpretação dos processos socioculturais (Nilsson Stutz, 2008). Presentemente estão a ser desenvolvidas novas abordagens que poderão contribuir, substancialmente, para a interpretação destes casos (Casimiro *et alii*, 2017).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta necrópole, assiste-se a uma coexistência entre os rituais de cremação e de inumação, praticados em ambas as fases III e IV, algo que corresponde ao que se observa em muitas outras necrópoles coevas. O mesmo acontece em relação à variedade formal das sepulturas e à presença/ausência de mobiliário funerário (Vaquerizo Gil, 2002; Toynbee, 1971) que, apesar de identificado em ambas as fases, está mais representado na fase III. Relativamente à organização interna do espaço funerário, à parte da clara concentração dos enterramentos em torno da grande via – igualmente comum nas necrópoles romanas dos centros urbanos – não foram, até ao momento, identificadas áreas de enterramento diferenciado, seja em termos de perfil biológico – sexo e idade à morte – seja em termos de rituais funerários – cremação e inumação – ou mesmo no que se refere ao tipo de sepulturas e/ou ao factor presença/ausência de mobiliário funerário – acautelando-se que este estudo se encontra numa fase inicial e que, ainda, não foi desenvolvida a análise das alterações ósseas de natureza patológica e/ou tafonómica.

Sendo que este estudo se desenvolve a partir de escavação em laboratório, com acesso aos registos fotográfico, gráfico e estratigráfico dos trabalhos de campo, há uma clara consciência de que poderão surgir algumas limitações na sua interpretação. Esta observação surge com a noção de que a interpretação funerária, assente nos conceitos inerentes à Arqueotanatologia requer uma observação cuidada, um registo exigente e um extremo rigor metodológico e, a omissão de algum destes factores pode condicionar a correcta interpretação do espaço (Neves *et alii*, 2012; Duday, 2009; Leclerc, 1990).

Pretendeu-se aqui apresentar os dados reunidos, até ao momento, sobre a Necrópole Noroeste de Olisipo cujo estudo, recorda-se, encontra-se ainda em desenvolvimento e, por isso, é ainda prematuro entrar no campo das conclusões. As problemáticas associadas ao estudo desta necrópole começam agora a emergir e, espera-se que a abordagem transdisciplinar que lhe está a ser dirigida, venha preencher lacunas sobre este importante espaço funerário, sendo que ficam no ar muitas questões às quais procuraremos responder, como: o que é que este espaço funerário nos pode dizer sobre as transformações do sistema de crenças? As sepulturas refletem, ou não, algum tipo de estatuto social ou variantes entre o sexo e a idade à morte dos indivíduos?

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia: S. Casimiro integra o Projecto Exploratório *Bone Matters*/Matérias ósseas (IF/00127/2014/CP1233/CT0003) e é bolsista de investigação do (LABOH-CRIA/FCSH-NOVA), no âmbito do Plano Estratégico de Desenvolvimento do CRIA (UID/ANT/04038/2013). F. Alves Cardoso é Investigadora FCT (IF/00127/2014), programa apoiado pela Comissão Europeia ESF e POPH. Importa ainda agradecer a oportunidade concedida pela organização do Colóquio “A Morte em Lisboa: novos dados, novas problemáticas”, para apresentação dos trabalhos desenvolvidos no LABOH e, o importante contributo dos estudantes da FCSH-NOVA que têm colaborado no processamento das séries osteológicas.

BIBLIOGRAFIA

BAXTER, Jane (2005) – *The Archaeology of Childhood: Children, Gender and Material Culture*. Walnut Creek: Alta Mira Press.

BOTELLA, Miguel; ALEMÁN, Inmaculada; JIMÉNEZ, Sylvia (2000) – *Los huesos humanos: manipulación y alteraciones*. Barcelona: Bellaterra Ediciones.

BRADLEY, C. (1993) – Woman's power, Children's labour. *Journal of Cross-Cultural Research*, 27, pp. 70-96.

BROOKS, S.; SUCHEY, J. M. (1990) – Skeletal age determination based on the pubis: comparison of the Acsadi-Nemeskeri and Suchey-Brooks methods. *Journal of Human Evolution*, 5, pp. 227-238.

BRUZEK, Jaroslav (2002) – A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117:2, pp. 157-168.

BUIKSTRA, Jane E.; UBELAKER, Douglas H (1994) – *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey.

CAMPOS, Ricardo (2012) – “As *cupae* do *ager Olisiponensis*” in Andreu Pintado, J. (coord.) *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*. Tudela: UNED – Fundación Uncastillo, pp. 451-476.

CARDOSO, Hugo; SAUNDERS, Shelley (2008) – Two arch criteria of the ilium for sex determination of immature skeletal remains: A test of their accuracy and an assessment of intra-and inter-observer error. *Forensic Science International*, 178:1, pp. 24-29.

CARROLL, Maureen (2011) – Infant Death and Burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*, 24, pp. 99-120.

CASIMIRO, Sílvia; PRATA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – “Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média” in Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G. (coord.) *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Estudos 15. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.

CASIMIRO, Sílvia; ALVES CARDOSO, Francisca; SILVA, Rodrigo Banha da; ASSIS, Sandra (2017) – “¿requiescat in pace? Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na Necrópole Noroeste de Olisipo” in Arnaud, J. M; Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.

CHAPA, Teresa. (2008) – “Presencia infantil y ritual funerario” in Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C. (eds.) *Nasciturus, Infans, Puerulus vivis mater terra*. Diputació de Castelló Castelló: SIAP, pp. 619-641.

CHARLIER, Philippe (2008) – “L'identification du travail infantile en paléopathologie. Ostéo-archéologie et techniques médico-légales tendances et perspectives” in Charlier, P. (ed.) *Pour un Manuel Pratique de Paléopathologie Humaine*. Paris: De Boccard, pp. 309-310.

DUDAY, Henry (2009) – *The archaeology of the dead: lectures in archaeoethnology*. Oxford: Oxbow Books.

ETXEBERRIA, Francisco; DELIBES de CASTRO, G. (2002) – “Interpretación del fuego en los sepulcros megalíticos” in Rojo Guerra, M.; Kunst, M. (eds.) *Sobre el Significado del Fuego en los Rituales Funerarios del Neolítico*. Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 59-64.

GALDAMES, I. Suazo; MATAMALA, D. Zavando; SMITH, Ricardo L.; (2009) – Sex determination in mandibles in the first year of life by a quantitative approach. *International Journal of Morphology*, 27:1, pp. 113-116.

GONÇALVES, David (2007) – *Funus: Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Universidade de Coimbra (policopiado).

GOWLAND, Rebecca (2001) – “Playing Dead: Implications of Mortuary Evidence for the Social Construction of Childhood” in

- Davies, G., Gardner, A., Lockyear, K. (eds.) *TRAC 2000: Proceedings of the Tenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference* (April 2000). Oxford: Oxbow Books, pp. 152-168.
- HALCROW, Sean; TAYLES, Nancy (2008) – The bioarchaeological investigation of childhood and social age. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 15, pp. 190-215.
- HERRING, D. A.; SAUNDERS, S. R.; KATZENBERG, M. A. (1998) – Investigating the Weaning Process in Past Populations. *American Journal of Physical Anthropology*, 105, pp. 425-439.
- KAMP, Kathryn A. (2001) – Where have all the children gone? The Archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 8:1, pp. 1-34.
- LECLERC, Jean (1990) – La notion de sepulture. *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 2 (3-4), pp. 13-18.
- LEWIS, Mary (2011) – “The osteology of infancy and childhood: misconceptions and potentials” in Lally, M.; Moore, A. (eds.) *(Re) Thinking the Little Ancestor: New Perspectives on the Archaeology of Infancy and Childhood*. BAR International Series, S1918. Oxford: Archaeopress, pp. 1-13.
- LOVEJOY, C. Owen; MEINDL, Richard; PRYZBECK, Thomas; MENSFORTH, Robert (1985) – Chronological metamorphosis of the auricular surface of ilium: new method for the determination of adult skeletal age at death. *American Journal of Physical Anthropology*, 68, pp. 15-28.
- MORRONE, Alessandra (2017) – *The buried cupae of Praça da Figueira. Contributions to the scientific study of archaeological cremations*. Masters Dissertation in Forensic Archaeology and Anthropology. Cranfield Defence and Security. Shrivenham, Swindon: Cranfield University (policopiado).
- NEVES, M. João; FERREIRA, M. Teresa; ALMEIDA, Miguel; PINHEIRO, João (2012) – A importância dos processos de decomposição cadavérica para a interpretação do registo osteoarqueológico. *Almadan*, 17 - II Série, pp. 30-37.
- NILSSON STUTZ, Liv (2008) – “More than Metaphor. Approaching the Human Cadaver in Archaeology” in Fahlander, F.; Østgaard, T. (eds.) *The Materiality of Death*. BAR International Series, S1768. Oxford: Archaeopress, pp. 19-28.
- SCHAEFER, Maureen; BLACK, Sue; SCHEUER, Louise (2009) – *Juvenile Osteology. A Laboratory and Field Manual*. Amsterdam: Academic Press.
- SILVA, Filipa Cortesão (2007) – Abordagem ao ritual funerário da cremação. *Almadan*, 15 – II Série, pp. 40-48.
- SILVA, Rodrigo Banha da; CASIMIRO, Sílvia (2013) – “A Fase V na Praça da Figueira (Lisboa): na periferia de Olisipo nos séculos V a VIII”. Poster apresentado à *VIII Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitânia – A Lusitânia entre Romanos e Bárbaros* (10-11 Maio). Mangualde: Ass. Cultural Azurara da Beira, CEACUP-CAM e Câmara Municipal.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – “Arqueologia Viária Romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. Vila Franca de Xira” in Pimenta, J. (coord.) *De Olisipo a Ierabriga – A rede viária romana no Vale do Tejo* (Atas da Mesa Redonda). CIRA Arqueologia, 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, pp. 74-87.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a. C. – II d. C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (policopiado).
- SOFAER, Joanna (2011) – “Towards a Social Bioarchaeology of age” in Agarwal, S. E Glencross, B. (eds.) *Social Bioarchaeology*. Studies in Global Archaeology, 14. Oxford: Blackwell.
- SOFAER DEVERENSKI, Joanna (1994) – Where are the children? Accessing children in the past. *Archaeological Review from Cambridge*, 13, pp. 7-33.
- TOYNBEE, Jocelyn (1971) – *Death and Burial in the Roman World*. London: Cornell University Press
- TRANOY, Laurence (2000) – “La morte en Gaule Romaine” in Cru-bezi, E.; Masset, C.; Lorans, E; Perrin, F.; Tranoy, L. (dir.) *Archéologie Funéraire*. Paris: Éditions Errance, pp. 105-154.
- VÁQUERIZO GIL, Desiderio (2002) – “Espacio y usos funerarios en Córdoba” in Vaquerizo Gil, D. (ed.) *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*, vol. 2. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp.141-201.
- WHITE, Lynn. K.; BRINKERHOFF, David B. (1981) – Children’s work in the family: Its significance and Meaning. *Journal of Marriage and the family*, 43, pp. 789-798.
- WHITE, Tim.; FOLKENS, Peter (2005) – *The human bone manual*. Amsterdam: Academic Press.
- ZELIVER, Viviana A. (1985) – *Pricing the Priceless Child: The Changing Social Value of Children*. Princeton: Princeton University Press.

